

EXCLUÍDOS E EXCLUDORES:

SÃO CIPRIANO E SÃO BASÍLIO LIDOS HOJE

1. INTRODUÇÃO

O Reino de Deus é a utopia para a humanidade, que leva homens e mulheres de boa vontade a edificar uma sociedade onde a felicidade humana, em suas várias dimensões, seja a conquista de todo ser humano e não apenas o privilégio de alguns. Vivendo numa sociedade discriminadora, torna-se missão dos cristãos a luta pelo surgimento do bem: vivendo numa sociedade que maltrata seus filhos, o cristão, para ser virtuoso, é impelido a buscar sua transformação. Assim, nasce o profetismo na Igreja, que perpassa os séculos como em Cipriano e em Basílio Magno, denunciadores das injustiças sociais de seu tempo até os profetas de hoje, que denunciam a prática excluidora dos sistemas contemporâneos.

Muitas teorias e reflexões sócio-políticas prometem resolver o problema dessa massa sobrando de excluídos, mas infelizmente não proporcionam vida suficiente aos nossos irmãos excluídos. Não vão nessa direção as prioridades dos interesses políticos e ideológicos manipuladores do ser humano, através do poder e do dinheiro.

Também os teólogos há séculos buscam um projeto que venha modificar essa realidade geradora da morte de seres humanos inocentes. O Reino de Deus é um projeto por excelência que vem banir o egoísmo, a ambição e as forças mantenedoras dos sistemas selvagens (capitalismo e outros). O Reino de Deus deve gerar a partilha e a fraternidade contra os ídolos do pecado.

Para nosso estudo, mergulhamos nas fontes patrísticas, que sabemos possuir uma profunda e extensa reflexão sobre a re-

lação entre cristianismo e a justiça no mundo. Optamos por estudar alguns textos de Cipriano de Cartago e Basílio Magno, como modelos de um representante da patrologia latina e outro da patrologia grega, distantes um do outro um século, tendo assim uma variação de espaço e tempo que abrem o leque da pesquisa. Confrontamos estes escritores patrísticos com alguns teólogos atuais, para termos os mesmos temas numa visão contemporânea, respondendo às questões atuais que exigem a instauração do Reino de Deus entre nós.

1. CIPRIANO DE CARTAGO (+258), UM HOMEM DA ÁFRICA

1.1. Contexto socio-histórico

É ponto marcante nos escritos de Cipriano de Cartago sua preocupação com os pobres que enfatizam as obras de caridade e fazem sempre referência à justiça social¹. Esta visão de cristianismo vai permear toda a sua concepção de santidade, levando-o a tecer críticas radicais aos homens e à sociedade de sua época.

O compromisso com os pobres concretos é condição necessária para vivermos genuinamente o relacionamento com os bens materiais e as experiências realizadas pela Igreja latino-americana, nestes últimos anos, fazem sobressair aspetos que, anteriormente, tinham menos destaque.² Puebla assinalou o compromisso cristão com os pobres, condenando como anti-evangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores do continente: “Medellin já havia lançado esta perspectiva; ela fecundou a prática eclesial na América Latina”³.

Em seu tempo, Cipriano acusa o cristianismo de decadência⁴ frente à nova realidade social. Não podemos assumir postura superficial diante daquilo que Cipriano critica, pois existe a realidade dos pobres explorados, o que leva o santo a tornar-se seu mediador, pregando contra o mau relacionamento social e a injustiça. Pode-se até dizer que São Cipriano é saudosista em seu apelo ao exemplo da primeira comunidade cristã, com “uma recordação nostálgica da unidade e da comunidade da Igreja de Jerusalém, a qual ele se refere em sua obra que trata das boas obras e da caridade como sinal e testemunho dos cristãos”⁵. Para ele a decisão social de se colocar tudo em comum seria fundamental para que todos tivessem o necessário para viver bem.

Para a América Latina de hoje, esse caminho da patrística é instrumento rápido e seguro para o desapego dos privilégios das riquezas. O sistema social dominante não perdoa quem se atreve a propor e a viver com autenticidade, sejam pessoas

1. R. SIERRA BRAVO, *Doctrina social y economica de los padres de la Iglesia*. Madri, COMPI, 1967, p. 591.

2. A.F. FIGUEIREDO, *Curso de Teologia Patrística: A vida da Igreja Primitiva, século III*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 58-59.

3. G. GUTIERREZ, *Beber no próprio poço*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 136.

4. R. SIERRA BRAVO, op. cit., p. 591.

5. CIPRIANO DE CARTAGO, *De opere et eleemosynis*, ML 4, c. 625-646.

isoladas, seja a comunidade cristã inteira. Pode-se dizer hoje que existe no povo latino americano um amplo consenso em se reconhecer a necessidade de um verdadeiro compromisso dos cristãos com a situação de pobreza do povo.

6. F.A. FIGUEIREDO, op. cit., p. 58.

Cipriano bispo considera-se, por isso, homem público. O episcopado é o abandono do *otium*, ou seja, da vida contemplativa de quem busca Deus na solidão, pelo *negotium* dos afazeres da vida pública. Desta forma coloca-se à disposição dos que precisam de sua ajuda. Sua presença será marcante por ocasião da irrupção de uma peste na cidade de Cartago⁶, quando presta assistência a toda população. Também por caridade social, o bispo é designado para ocupar o tribunal “*pro rastris*”, como homem público, exercendo as funções do governador romano. É o “*defensor civitatis*”⁷

7. Ibidem, p. 59.

Exerceu sua missão episcopal de 246 a 258, quando manifestou sua convicção sobre vivência dos valores cristãos, a ponto de denunciar todas as injustiças daqueles que não viviam os princípios evangélicos. O mais fortemente expressivo em sua vida é a crítica que faz aos sacerdotes que não praticam a caridade em suas obras, denunciando aqueles que estão preocupados com sua herança e suas fortunas. Afirma ele que não devemos nos preocupar em deixar para a posteridade uma grande fortuna material, mas deixar um testemunho de justiça e caridade.⁸

8. R. SIERRA BRAVO, op. cit., p. 592.

A vida e a pregação de Cipriano apresentam um modelo para nossa realidade atual com um jeito justo de ser Igreja. Se em seu tempo já prevalecia o acúmulo de riquezas, para o gozo do clero, ele anunciava uma mentalidade de ser cristão, que se desenvolveu a partir de uma crítica aos poderosos excludores das camadas sociais dos pequenos pela força do poder econômico-social. A evangelização deve denunciar a injustiça e apresentar um novo modo de organizar a sociedade humana. Sem esta solidariedade, o desprendimento dos bens deste mundo se converte numa ilusão. Esta convicção modifica a dimensão da pobreza cristã e incrementa a opção social evangélica.

1. 2. A Face dos excluídos

Os primeiros seguidores de Cristo eram amantes da paz. Cultivavam-na por meio da *caridade*. Eram radicais na vivência de sua fé a ponto de venderem seus bens, dando o dinheiro arrecadado aos apóstolos para que distribuíssem entre os indigentes. Davam esmolas generosamente. (At 2, 45).

Os escritos de Cipriano mostram os primeiros cristãos unidos pelo vínculo (*compromisso*) da caridade. A esmola era uma forma de pôr em prática esse compromisso. Muitos dos primeiros seguidores de Cristo desfaziavam-se do que era seu,

repartindo entre os irmãos.⁹ Viver a proposta evangélica, transformando seus haveres em benefício social dos pobres, enquanto excluídos da dignidade de cidadãos pela sociedade, era uma forma radical de seguir o Mestre Jesus.

Para atualizar o compromisso de caridade que no passado era a esmola, é normal inserir-se hoje no mundo do pobre, entrando em sua realidade e, dentro da exigência do Evangelho, despertando sua consciência, sua capacidade de luta e sua vontade de reconquistar sua "cidadania".¹⁰

Se, a priori, todos estão incluídos no Plano da Salvação enquanto virtuosos, na realidade, conseguem ser virtuosos aqueles que fazem de seus bens materiais uma ponte de ligação com Deus e os irmãos menos favorecidos.

Fundamentando-se em Provérbios, Cipriano admoesta os que, mesmo sendo cristãos, tornaram-se excluidores mostrando que, por sua indiferença ante o sofrimento do pobre, não podem esperar de Deus a misericórdia para si, uma vez que não foram capazes de ser misericordiosos com seus irmãos e semelhantes. Segundo ele, é "*bem-aventurado quem entende o necessitado e o pobre, pois o Senhor o livrará no último dia*",

*"Qui obturat aures ne audiat imbecillum, et ipse invocabit Deum, et non erit qui exaudiat eum (Prov 23, 13). Neque enim promereri misericordiam Domini poterit qui misericors ipse non fuerit, aut impetrabit de divina pietate aliquid in precibus qui ad precem pauperis non fuerit humanus. Quod item in Psalmis Spiritus sanctus declarat et probat dicens: Beatus qui intelligit super egenum et pauperem, in die mala liberabit eum Dominus."*¹¹

Dentro dessa linha, hoje citaríamos G. Gutierrez dizendo que a indiferença e os privilégios adquiridos conduzem muitos à surdez espiritual e fazem com que o Senhor passe diante de suas casas sem deter-se e sem se importar com seu sofrimento.¹²

Cipriano lembra o profeta Daniel advertindo ao rei Nabucodonosor sobre os preceitos de Deus. Como ele era um excludor, deveria redimir seus pecados com esmolas e suas injustiças com obras de misericórdia para como os pobres. Só assim ele seria perdoado em suas faltas. O avarento, quem reserva suas posses terrenas só para si, é um excluidor, pois seu egoísmo, cria em sua volta os excluídos. Dar esmolas é uma forma de acumular tesouros celestiais que não estão sujeitos a má sorte dos bens deste mundo.

Cipriano acusa fortemente aqueles(as) que ignoram sua convivência com a pobreza: cristãos que querem celebrar o sacrifício do Senhor e o fazem com bens tirados dos pobres, agindo indignamente:

9. Ibidem, p. 594.

10. G. GUTIERREZ, o. cit., p. 139.

11. CIPRIANO DE CARTAGO, o. cit., c. 628.

12. G. GUTIERREZ, o. cit., p. 31.

13. CIPRIANO DE CARTAGO, o. cit., cc. 635-636.

“Egentem enim et pauperem non vident oculi tui superfusi nigroris tenebris et nocte contacti. Locuples et dives es, et Dominicum celebrare te credis, quae corban omnino non respicis, quae in Dominicum sine sacrificio venis, quae partem de sacrificio quod pauper obtulit sumis”¹³.

Outra condenação é feita ao apego aos bens e a falta de consciência, que leva os poderosos a se tornarem infecundos na comunidade. Eles são excludores pois não realizam nenhuma obra de misericórdia:

“Atque, ut pigros et steriles et cupiditate nummaria nihil circa fructum salutis operantes magis pudeat, ut plus conscientiam sordidam dedecoris ac turpitudinis suae rubor caedat, ponat unusquisque ante oculos suos diabolum cum servisuis, id est cum populo perditionis ac mortis, in medium prosilire, plebem Cristi, praesente et judicante ipso, comparationis examine provocare dicentem...”¹⁴

14. CIPRIANO DE CARTAGO, o. cit., c. 641: .

15. G. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*. Petrópolis, Vozes, 1983, p. 163.

Também hoje a sociedade exclui muitos de seus filhos e nós devemos acolhê-los. Esse acolhimento dá-se pela prática da justiça: trata-se de um encontro com Deus nos gestos concretos para com os outros, em particular os pobres.¹⁵ A falta de consciência social dos ricos é severamente denunciada, pois os torna detestavelmente cegos e imergidos nas trevas, pois acumulam riquezas e cometem uma multidão de delitos. Deste modo, eles não repartem e aumentam sempre mais o sofrimento dos indigentes

Atque, o detestabilis caecitas mentium et cupiditatis insanae profunda caligo! Cum exonerare se possit et levare ponderibus, pergit magis fortunis audentibus incubare pergit poenalibus cumulus pertinaciter adhaerere”¹⁶

16. CIPRIANO DE CARTAGO, *Epístola 1*, ML 4, c. 223.

O desgraçado a que se refere Cipriano, hoje, são os rostos dos pobres nomeados por Puebla; segundo Jon Sobrino, os camponeses, operários, moradores em favelas, perseguidos, torturados e tantos excluídos que pedem um lugar ao sol na sociedade dos excludores que discriminam e rejeitam grande número de irmãos.¹⁷

17. J. SOBRINO, *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo, Loyola, 1982, p. 103.

1.3. As denúncias na visão dos excluídos

18. CIPRIANO DE CARTAGO, *De ecclesiae catholicae unitate*, ML 4, c. 509-535.

Em uma de suas obras mais importantes, na qual trata da unidade da Igreja¹⁸, Cipriano define com clareza o fundamento da paz que é necessária para a vida dos cristãos e mostra que esta advém da fraternidade dos irmãos que se reúnem na mesma fé.

“Pacem quaerere debet et sequi filius pacis, a dissensionis malo continere linguam suam debet qui novit et diligit vinculum charitatis. Inter sua divina mandata et magisteria

*salutaria, passioni jam proximus Dominus addidit dicens: Pacem dimitto vobis, pacem meam do vobis (Jn 14, 27)."*¹⁹

19. Ibidem, c. 534.

Hoje, segundo G. Gutierrez, a indiferença, os privilégios adquiridos, o medo diante do novo, conduzem muitos a um indiferentismo perante a miséria dos irmãos excluídos, que não têm condições dignas de vida.²⁰ Para tanto ele se refere à passagem da Sagrada Escritura, que para ele é o modelo da vida dos cristãos de seu tempo, onde mostra a formação da comunidade primitiva, na qual a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma (At 4, 32). Ele aproxima a verdadeira comunidade cristã ao ideal de uma comunidade onde todos são irmãos e não haja excluídos:

20. G. GUTIERREZ, *Beber no próprio poço*, p. 31

*"In nobis uero sic unanimitas deminuta est, ut et largitas operationis infracta est. Domos tunc et fundos venundabant et thesauros sibi in caelo reponentes, distribuenda in usus indigentium pretia apostolis offerebant. At nunc de patrimonio nec decimas damus; et, cum vendere iubeat Dominus, emimus potius et augemus."*²¹

21. CIPRIANO DE CARTAGO, o. cit., c. 535

Desta teologia social da comunidade que é fraternidade, nasce a necessidade da realização das boas obras e das esmolas. A Escritura dá base à obrigação transmitindo o mandamento do Senhor para os verdadeiros cristãos que devem seguir uma única lei: *"Amái-vos uns aos outros"* Interessante notar que Cipriano equipara o poder do Batismo para purificar os pecados com o valor das boas obras e da esmola, pois estas virtudes têm o poder de perdoar pecados: a boa obra apaga todos os delitos:

*"Loquitur in Scripturis divinis Spiritus sanctus et dicit: Eleemosynis et fide delicta purgantur (Pr 15, 27). Non utique illa delicta quae fuerant ante contracta, nam illa Christi sanguine et sanctificatione purgantur. Item denuo dicit: Sicut aqua exstinguit ignem, sic eleemosyna exstinguit peccatum (Ecli 3,33). Hic quoque ostenditur et probatur quia, sicut lavacro aquae salutaris gehennae ignis exstinguitur, ita et eleemosynis atque operationibus justis delictorum flamma sopitur. Et quia semel in baptismo remissa peccatorum datur, assidua et jugis operatio baptismi instar imitata, Dei rursus indulgentiam largitur"*²²

22. Idem, *De opere et eleemosynis*, c. 626.

Praticar boas obras e dar esmolas, continua a ser a teologia social da comunidade que é fraterna. Podemos ver isso no povo latino-americano e sobretudo brasileiro onde há pessoas com um grande coração mas sem o necessário para viver, mesmo assim doam atenção num copo de água.²³

23. C. BOFF, *Teologia pé no chão*. 2ª ed.. Petrópolis, Vozes, 1970, p. 79.

No próprio dizer de Cipriano, as esmolas e as boas obras, assim como a misericórdia aos pobres é motivo de perdão de pecados, pois Deus ama o misericordioso:

*“Remedia propitiando Deo ipsius Dei verbis data sunt, quid deberent facere peccantes magisteria divina docuerunt, operationibus justis Deo satisfieri, misericordiae meritis peccata purgari”*²⁴

24. CIPRIANO DE CARTAGO, *De opere et eleemosynis*, c. 628.

Cipriano denuncia os ricos que se apegam aos bens materiais citando Mateus, quando afirma que a perfeição está no desapareço dos bens e na construção de tesouros que perdurem no céu e que constituem o verdadeiro seguimento de Jesus (Mt 14, 21),

*“Itaque in Evangelio Dominus, doctor vitae nostrae et magister salutis aeternae, vivificans credentium populum et vivificatis consulens in aeternum, inter sua mandata divina et praecepta coelestia nihil crebrius mandat et praecipit quam ut insistamus eleemosynis dandis, nec terrenis possessionibus incubemus, sed coelestes thesauros potius recondamus”*²⁵

25. *Ibidem*, c. 630.

Na atual sociedade neo-liberal, a classe rica e a classe média detêm o poder e fazem de tudo para manter a sua hegemonia financeira excluindo os irmãos, como retrata J. L. Segundo: *“as classes médias são, por excelência, as defensoras das regras do jogo que lhes permitiram sua ascensão e garantiram sua permanência. Quando se trata de grupos pequenos que usaram com êxito este mecanismo, pode-se temer que, uma vez alcançado pela livre competição o objetivo desejado, os grupos tendam a fechar a porta, por eles aberta, a outros competidores”*.²⁶

26. J. L. SEGUNDO, *Fé e ideologia; as dimensões do homem*. 2ª ed.. São Paulo, Loyola, 1984, p. 290.

Cipriano assume como fundamento de sua crítica aos poderosos a primeira carta de Paulo a Timóteo, que afirma *“a raiz de todos os males é a avareza, pela qual muitos se desviaram da fé e acarretaram a si mesmo muitas dores.* (1Tim 4, 7-10, 1Jo 3,17),

*“Metuis ne patrimonium tuum forte deficiat si operari ex eo largiter coeperis, et nescis, miser, quia, dum times ne res familiaris deficiat, vita ipsa et salus deficit; et, dum ne quid de rebus tuis minuatur attendis, non respicis quod ipse minuaris, amator magis mammonae quam animae tuae; ut, dum times ne pro te patrimonium tuum perdas, ipse pro patrimonio tuo pereas”*²⁷

27. CIPRIANO DE CARTAGO, *o. cit.*, c. 632.

É escandaloso o irmão que se apossa de muitas riquezas pertencentes ao irmão necessitado e vendo o irmão em necessidade nada faz. Ele se pergunta: sendo cristão e tendo o mesmo Pai, como isso pode acontecer?

*“Nam, si Deum toto corde diligimus, nec parentes nec filios Deo praeferre debemus. Quod et Joannes in Epistola sua ponit, charitatem Dei apud eos non esse quos videamus operari in pauperes nolle: Qui habuerit, inquit, substantiam mundi, et viderit fratrem suum desiderantem, et clauserit viscera sua, quomodo charitas Dei manet in illo (Jn 3, 17)”*²⁸

28. *Ibidem*, c. 638.

Denuncia também o pai, que tendo professado a sua fé não se preocupa em educar seus filhos nos valores evangélicos. Estes pais são criticados pois se preocupam em acumular os bens terrestres e se esquecem dos valores do Reino de Deus:

*“Qui studes terreno magis quam coelesti patrimonio, filios tuos diabolo magis commendare quam Christo, bis delinquis et geminum ac duplex crimen admittis, et quod non praeparas filiis tuis Dei patris auxilium, et quod doces filios patrimonium plus amare quam Christum”*²⁹

29. *Ibidem*, c. 640.

Para Cipriano não há verdadeiro cristianismo sem a necessária distribuição dos bens, pois este é o verdadeiro e único caminho da justiça,

*“Cogitemus, fratres dilectissimi, quid sub apostolis fecerit credentium populus, quando inter ipsa primordia majoribus virtutibus mens vigeat, quando credentium fides novo adhuc fidei calore fervebat. Domicilia tunc et praedia venundabant, et dispensandam pauperibus quantitantem libenter ac largiter apostolis offerebant, terreno patrimonio vendito atque distracto, fundos illuc transferentes ubi fructus caperent possessionis aeternae, illic comparantes domos ubi inciperent semper habitare. Talis tunc fuit in operationibus cumulus, qualis in dilectione consensus, sicut legimus in Actis Apostolorum: Turba autem eorum qui crediderant anima ac mente una agebant: nec fuit inter illos discrimen illum, nec quidquam suum iudicabant ex bonis quae eis erant, sed fuerunt illis omnia communia (Ac 4, 32).”*³⁰

30. *Ibidem*, c. 644.

Daqui nasce a sua proposta para que os bens dos cristãos sejam empregados na ajuda e apoio aos excluídos,

*“Orare oportet impensius et rogare, diem luctu transigere, vigiliis noctes ac fletibus ducere, tempus omne lacrymosis lamentationibus occupare, stratos solo adhaerere, in cinere et cilicio et sordibus volutari, post indumentum Christi perditum nullum jam velle vestitum, post diaboli cibum malle jejunium, justis operibus incumbere, quibus peccata purgantur, eleemosynis frequenter insistere, quibus a morte animae liberantur.”*³¹

31. *Idem*, *De lapsis* ML 4, c. 507.

Podemos ver que atualmente esta proposta ainda vale, já que existem cristãos no mundo inteiro e excluídos aos milhões. G. Gutierrez nos esclarece, afirmando que *“conhecer a Javé — o que em linguagem bíblica quer dizer amá-lo — é estabelecer relações justas entre os homens, e reconhecer o direito dos pobres. Através da justiça inter-humana é que se conhece o Deus da revelação bíblica. Quando esta não existe, Deus é ignorado, está ausente”*.³²

32. G. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*, p. 163.

A oração tem a mesma importância enquanto momento de encontro com Deus como o jejum e a esmola (Tob 12, 9). Estas

três dimensões constituem o tripé de união das atitudes dos cristãos,

*“Et ideo Scriptura divina instruit dicens: Bona est oratio cum jejunio et eleemosyna (Tb 12, 9). Nam qui in die iudicii prae-mium pro operibus et eleemosynis redditurus est, hodie quoque ad orationem cum operatione venienti benignus auditor est”*³³

33. CIPRIANO DE CARTAGO, *De Oratione Dominica*, ML 4, c. 558.

O autor lembra ainda que dar ao pobre ou indigente é a melhor oferta que se faz a Deus, pois quem se compadece do pobre realiza um culto agradável a Deus,

*“Saturatus sum, inquit, recipiens ab Epaphrodito ea quae a vobis missa sunt, odorem suavitatis, sacrificium acceptum et placitum Deo (Fl 4, 18). Nam, quando quis miseretur pauperis, Deum foenerat; et qui dat minimis, Deo donat, spiritualiter Deo suavitatis odorem sacrificat”*³⁴

34. *Ibidem*, c. 559.

1. 4. Um projeto para o excluído

Cipriano vem resgatar o Reino de Deus e denunciar a não vida, propondo pistas fundamentadas na Palavra de Deus, para uma sociedade onde impere a justiça, a gratuidade e a comunhão universal entre mulheres e homens, visando a solidariedade e o compromisso com toda a humanidade, em suas alegrias e dores.

Os teólogos contemporâneos crentes no Deus da Vida, procurando refletir a partir da realidade do povo, devem buscar o resgate dos excluídos e produzir reflexões, que venham contribuir para a conversão da humanidade, através de uma leitura não alienada da realidade em que vivem os excluídos — principalmente na América Latina - a clamar por justiça e pão, direito e participação.³⁵

35. L. BOFF, *Teologia à escuta do povo*. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 56.

No Reino de Deus a práxis da partilha nos compromete com a realidade social e desperta para o mundo da misericórdia e da caridade, que são os mecanismos mantenedores de uma sociedade justa e fraterna.

Cipriano nos alerta dizendo que aquele que é misericordioso é o verdadeiro cumpridor do preceito de Deus e que a verdadeira fidelidade a Deus se manifesta na solidariedade com os pobres”.

*“Nam, si Abraham credit Deo et deputatum est ei ad iustitiam, utique qui secundum praeceptum Dei eleemosynas facit, Deo credidit et qui habet fidei veritatem, servat Dei timorem; qui autem Dei timorem servat, in miserationibus pauperum Deum cogitat.”*³⁶

36. CIPRIANO DE CARTAGO, *De opere et eleemosynis*, c. 631.

Ele vem convocar os excluídos à conversão ao plano de Deus, para através da caridade comprometerem-se com a práxis da justiça e a construção de uma nova política capaz de realizar o Reino de Deus na história.

A práxis do Reino de Deus exige uma radical conversão à gratuidade, que é o amor gerador do desenvolvimento humano, onde a humanidade reconheça no homem o Filho do homem, como encontramos nas próprias palavras de Jesus, que vincula a perfeição humana à solidariedade com os pobres (Mt 25, 21).

Podemos ver no desenrolar da história como os excluídos estão ausentes dos acontecimentos, desde os índios sem terra até os famintos e menores sem teto como subproduto do sistema em que vivemos, somos responsáveis e como evangelizadores devemos transformar com "...o questionamento radical da atual ordem social e a abolição da cultura opressora".³⁷

Esse convite é feito para todas as pessoas, por isso aqueles que já se sentem envolvidos com o Reino de Deus, têm por missão propagar aos que não conhecem esse projeto, fundamental à construção de uma sociedade justa e humana, onde as viúvas, os orfãos, os doentes, os desempregados e os famintos não sejam desamparados por falta de solidariedade e amor.

Este é um projeto para todos, pois todos os cristãos têm o compromisso de realizar boas obras

*"Ex substantia tua fac eleemosynam, et noli avertere faciem tuam ab ullo paupere. Ita fiet ut nec a te avertatur facies Dei"*³⁸

e atos de misericórdia para construir o tão anunciado Reino de Deus.

A construção do Reino de Deus exige que todos nos comprometamos com a justiça na presença de Deus

*"Ad hanc operum salutarium palmam libenter ac propter certemus, omnes in agone justitiae Deo et Christo spectante curramus; et qui saeculo et mundo majores esse jam coepimus, cursum nostrum nulla saeculi et mundi cupiditate tardemus"*³⁹

e para que tenhamos forças suficientes no combate contra a ideologia excludente de pobres transformando com a luta pelos direitos dos empobrecidos e pela partilha dos bens.

Analisando a mesma realidade, com elementos contemporâneos, G. Gutiérrez acena para a grande necessidade de os engajados na construção do Reino de Deus converterem-se para a práxis da evangelização. Esta conversão constitui uma exigência para proclamar com veracidade a Boa Nova.⁴⁰

A "força geradora" da ideologia excludente é a falta de consciência social dos ricos que se negam a ver pela ótica da gratuidade. Se assim não fosse eles saberiam fazer o uso de sua riqueza para construir a justiça social sem gerar irmãos excluídos com tantas classes desfavorecidas. O compromisso de Deus com o pobre, acontece na práxis do convertido ao Reino de Deus que em seus atos manifesta o testemunho do amor, da gratuidade e da fidelidade à Palavra de Deus⁴¹, convertido que se encontra com o irmão excluído que traz o rosto do Cristo pobre e pedinte.

37. G. GUTIERREZ, *A força histórica dos pobres*. 2ª ed.. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 71.

38. CIPRIANO DE CARTAGO, *De opere et eleemosynis*, c. 646.

39. *Ibidem*, c. 641.

40. G. GUTIÉRREZ, *A força histórica dos pobres*, p. 230.

41. G. GUTIÉRREZ, *O Deus da vida*. São Paulo, Loyola, 1990, p. 58-59.

A práxis do Reino de Deus possibilitará à humanidade juntar as mãos para rezar

*“Cito orationes ad Deum ascendunt quas ad Deum merita nostri operis imponunt. Sic et Raphael angelus Tobiae oranti semper et semper operanti testis fuit dicens: Opera Dei revelare et confiteri honorificum est”*⁴²

42. CIPRIANO DE CARTAGO, *De oratione Dominica*, c. 558.

Comprometida com a causa da justiça, sem angustiar-se sabendo que outras mãos estão estendidas pedindo pão.

*“Inefficax petitio est cum precatur Deum sterilis oratio. Nam, cum omnis arbor non facciens fructum excidatur et in ignem mittatur (Mt 7,19), utique et sermo non habens fructum promereri Deum non potest, quia nulla est operatione foecundus”*⁴³

43. *Ibidem*, c. 558.

44. J. L. SEGUNDO, *Teologia aberta para o leigo adulto*. São Paulo, São Paulo, 1977, p. 125-127.

45. J. L. SEGUNDO, *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. v. 1: Fé e ideologia. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 147-148.

Porque haverá justiça e o amor entre todos irmanados na filiação divina, quando na sociedade não houver excluídos, por existirem excludores. A força para darmos continuidade ao resgate dos excluídos está na “novidade” de Cristo, que manifesta a transformação que Deus opera no seu povo⁴⁴, isto é “*ter fé em Jesus Cristo, e concretamente no Jesus Cristo continuado através da Igreja*”⁴⁵, assumindo assim a ideologia do Reino de Deus onde o amor e a gratuidade impedem a existência dos excluídos, onde homens e mulheres tenham voz, vez, dignidade, justiça e vida.

2. SÃO BASÍLIO MAGNO (+379): UM PROFETA DO ORIENTE

2. 1. O contexto socio-histórico

Basílio nasceu por volta do ano 330, em Cesaréia da Capadócia, cidade do interior da Ásia menor, hoje região da Turquia. De família nobre e pais cristãos, foi batizado depois de jovem, pois nesta época não vigorava o batismo de crianças.⁴⁶

46. R. SIERRA BRAVO, op. cit. p. 146. Cfr. também A.HAMMAN, *Os padres da Igreja*. 2ª ed.. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 131 e F.A.FIGUEIREDO, *Os padres da Igreja e a questão social*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 6 entre outros.

Estudou com mestres de Constantinopla e depois de Atenas. Viveu austeramente como monge, às margens do Rio Oronte. Ordenou-se sacerdote em 364. Sendo um cristão de grande e firme caráter social e comunitário, recebeu o título de “O Grande”, podendo ser modelo, para os tempos modernos.

O período histórico em que viveu é de grande prosperidade econômica, conseqüentemente havia uma sociedade sem classe média, enquanto a classe alta subia cada vez mais à custa de uma pobreza extrema. Basílio é sensível à dor e ao sofrimento do outro, por isso põe em evidência, nos seus escritos e sermões, as injustiças, a exploração e a ganância. Como ele devemos nos questionar sobre o significado da fé na vida cristã quando ela deve ser comprometida na luta contra a injustiça e

a alienação. Basílio procura articular a obra de construção de uma sociedade justa como valor absoluto do Reino. Sua proposta cristã nos dá elementos de denúncia ao capitalismo que exclui muitos dos membros da sociedade e os usa como força de produção.⁴⁷

Para Basílio, todo aquele que possui mais do que o necessário está roubando do pobre. Por isso, não apenas pregava como profeta, mas organizou, às portas de Cesaréia, uma nova cidade que o povo denominou Basíliade, onde construiu igrejas, mosteiros, hospedarias, hospitais com pessoal qualificado para acolher e atender os abandonados e os doentes principalmente os leprosos.⁴⁸

Morto Eusébio, em 370, foi sagrado bispo de Cesaréia que dirigiu por nove anos. Sua primeira tarefa foi defender a fé, principalmente contra a doutrina dos arianos, trabalhando sempre para a unidade da Igreja do Oriente com o Ocidente, mas este fato só se realizou depois da sua morte. Morreu sem ter visto esta unidade. Zelava pelas paróquias mais afastadas, pela disciplina dos padres e pela situação social dos pobres.

Ele pode ser a voz para nossa realidade atual contra a exploração do homem pelo homem, uma situação de injustiça que se tornou uma violência institucionalizada, causadora da morte de inocentes, como principal causa de exclusão e morte hoje.⁴⁹

A situação social de seu tempo leva-o a servir-se de sua missão para socorrer os irmãos e incluí-los novamente na sociedade.

Exerceu uma influência decisiva na organização do culto, que ainda hoje é usada pela Igreja Bizantina. Junto com Gregório compõe uma coletânea de textos de Orígenes: Filocalia. Redige duas regras monásticas, escreve um tratado sobre a maneira de tirar proveito das letras pagãs dirigido aos jovens e também 300 cartas de mais variados tipos de aconselhamentos.

Sua opção preferencial e solidária pelos empobrecidos inspira para a Igreja contemporânea uma conversão de lugar social. Como nos tempos de Basílio, a Igreja deve olhar a sociedade e seus conflitos a partir da causa e da ótica dos excluídos. Sob seu olhar, somos levados a atuar na sociedade de nosso tempo como agentes da realização da justiça que irmana todos os seres humanos.⁵⁰ Hoje é considerado um significativo profeta da justiça social e da denúncia contra a exploração dos fracos, tornando-se um modelo da evangelização comprometida com os excluídos da sociedade.

2. 2. A imagem do excluído

Analisando os escritos de Basílio Magno sobre a questão social é evidente sua preocupação com os empobrecidos e excluídos da sociedade. Seu fundamento é a visão teológico-bíblica da pobreza: a existência do necessitado traz uma exigência de fide-

47. G. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*. 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 115.

48. H. M. J. DANIELLOU, *Nova história da Igreja*. v. 1: Dos primórdios a São Gregório Magno. 3ª ed.. Petrópolis, Vozes, p. 332.

49. G. GUTIERREZ, op. cit. p. 98-99.

50. L. BOFF, *E a Igreja se fez povo*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 152.

lidade ao evangelho, que leva ao reconhecimento de Deus como Pai por seu sopro criador, com o qual dispôs e ordenou todas as coisas para o serviço da humanidade: os bens da terra, a temperatura estável do ar, a abundância das sementes, a ajuda dos bois e todos os bens produzidos pela lavoura.⁵¹ Para fundamentar este texto, Basílio toma o evangelista Lucas (12, 8) que coloca a profecia de Jesus prometendo destruir os velhos celeiros, para depois construir celeiros novos e abundantes.

51. BASILIO MAGNO, *Homilia in illud Lucae: destruiam horrea mea*. MG 31, c. 263.

Reconhecendo a grande gratuidade de Deus no gesto da criação o homem sabe partilhar seus bens e isso leva o ser humano de fé a partilha como uma oferta agradável a Deus. Na homilia sobre o Evangelho de Lucas, Basílio afirma que o homem sensato abandona sua avidez por fortunas, pois não as levará consigo, uma vez que somente se leva deste mundo as boas obras, ou seja, quando todo o povo ao redor do possuidor de bens o chamar de provedor, de benfazejo e de todos os nomes da benignidade.⁵²

52. *Ibidem*, c. 266.

Como Basílio Magno, os teólogos contemporâneos buscam tomar consciência da realidade criacional e da co-participação humana na gratuidade divina na criação. Esta mesma reflexão teológica nos insere num contexto de igualdade perante Deus. Ao comentar que nem toda participação com Deus é panteísmo L. Boff reflete que Deus está presente em tudo e o seu templo é a realidade humana. Como tudo está de certo modo em Deus, nós nunca vamos a Ele, porque d'Ele nunca saímos, pois é n'Ele que nos movemos, existimos e somos (At 17, 28).⁵³ Portanto participamos de sua presença divina e nos comprometemos com sua família humana.

53. L. BOFF, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo, Atica, 1992, p. 52.

Nos escritos que analisamos, a pobreza vai além de um conselho evangélico, antes constitui teologicamente um meio privilegiado de iniciação no mistério de Jesus Cristo. Comentando o salmo 33, 7 ele afirma que “o pobre é por excelência o próprio Cristo, que sendo rico fez-se pobre para nos enriquecer com as bem-aventuranças”.⁵⁴ Assim, em Basílio a pobreza não é um exercício ascético ou estóico, mas um testemunho de solidariedade e de abertura para Deus nos irmãos. E este compromisso nasce da identificação de Jesus com os excluídos, que são seus preferidos.

54. BASILIO MAGNO, *Homilia in psalmum 33*. MG 29, c. 362.

Percebe-se também que no continente latino-americano a construção de uma cristologia se dá a partir do excluído da sociedade. Com a inspiração da literatura dos Santos Padres, os excluídos tornam-se um lugar teológico da revelação. Eles tornam-se o sacramento de Jesus Cristo. Esta reflexão é aprofundada por J. Pixley e C. Boff que afirmam ser o pobre, o excluído, o sofredor e o espaço privilegiado da manifestação e comunicação do mistério de Deus, lugar de sua revelação e presença, que não é apenas moral, mas sobretudo mística e profundamente real.⁵⁵

55. J. PIXLEY e C. BOFF, *Opção pelos pobres*; Teologia e libertação. Petrópolis, Vozes, (1990) p. 135.

Em seus escritos, Basílio nos apresenta uma resposta à situação sócio-assistencial que vive. Não se omite nos protestos mais incisivos e radicais contra a sociedade contemporânea que dividia escandalosamente os pobres dos ricos. Ele, como os padres da Igreja primitiva, não analisa a sociedade com as categorias da sociologia moderna, mas dá resposta coerente ao problema sócio-político de seu tempo. Isso nos faz compreender que Basílio não se omitiu perante a dor e o desprezo dos excluídos, mas que lutou para inserí-los de maneira digna nas estruturas da sociedade de seu tempo.

2. 3. A profecia: resgatar o excluído

O jovem rico interroga o Senhor, olha-o com boa intenção, porém não assume obedientemente o que o Senhor lhe disse. Para Basílio o jovem encontra-se dividido, pois por um lado o Evangelho lhe parece cheio de valores; por outro lado parece repressivo e sem remédio.⁵⁶ L. Boff, analisando esta passagem afirma que lendo os Evangelhos nota-se de imediato que a pregação de Jesus nunca se situa numa instância transcendente e autoritária: seu linguajar é simples, cheio de parábolas e exemplos tomados da cultura da época. Mistura-se na massa; sabe ouvir e perguntar. Ele dá a chance para cada um proferir sua palavra essencial. Pergunta a quem o questiona o que diz a Lei, interroga os discípulos sobre o que dizem os homens sobre ele, indaga junto ao homem da estrada o que quer que lhe seja feito. Deixa a samaritana falar. Ouve as perguntas dos fariseus. Não ensina sistematicamente como um mestre-escola. Responde a perguntas e faz perguntas dando chance para que o homem se auto defina e tenha a liberdade de uma tomada de posição sobre assuntos decisivos para seu destino.⁵⁷ O jovem, que aparece como solícito na conquista da vida eterna, recebe toda aprovação de Jesus; porém não gravou em seu coração as palavras ditas pelo mestre, pois as considera difíceis, pesadas e extraordinárias: “Vende tudo o que tem e dá aos pobres” (Mt 19,21). L. Boff em sua obra da *Teologia do Cativo e da Libertação* diz que a posse da riqueza é uma escravidão moralmente má. O campo da liberdade está poluído de egoísmo, estruturado em mecanismos de manipulação, pelos quais se impõem de antemão decisões para um certo tipo de objetos e não para outros. Pululam forças anônimas que trabalham a opinião pública de tal sorte que esta se aliena e julga autodeeterminar-se livremente quando, na verdade, é manobrada pelos objetivos e interesses estabelecidos por outros.⁵⁸

Ao dialogar com o jovem, analisa Basílio Magno, o Senhor lhe mostra que falta muito para chegar à verdadeira caridade,

56. BASILIO MAGNO, *Homilia in divites*. MG 31, c. 278.

57. L. BOFF, *Teologia do cativo e da libertação* 2ª ed.. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 166.

58. *Ibidem*, p. 90.

questionando a origem de sua riqueza. Segundo ele, na medida em que se aumenta a riqueza, torna-se escassa a caridade.

Esse tema é analisado por G. Gutiérrez que assinala que a conversão é o ponto de partida de todo caminho espiritual e que implica uma ruptura com a vida injusta e supõe inclusive e sobretudo que nos decidamos a empreender uma nova rota, que é o caminho do despojamento (Lc 18, 22) para que não haja mais excluídos e excludores.⁵⁹ Na ausência deste segundo aspeto, o rompimento careceria de horizonte e, em definitivo, de sentido. Por isto mesmo, a conversão não é um gesto realizado de uma vez por todas. Ela implica uma expansão, desenvolvimento inclusive doloroso, no qual não estarão ausentes as incertezas, as dúvidas e a falta de coragem de renunciar aos próprios privilégios para que o excluído recupere sua dignidade.

Como se vai gastar o ouro? Mesmo dividida em mil partes, a riqueza sobra, se é escondida embaixo da terra ou em lugares ocultos. O futuro é incerto e não sabemos se pode vir uma calamidade inesperada. E depois, “*ao enterrar o ouro, enterras juntamente com ele teu coração*” (Mt 6,21). Na parábola do rico insensato (Lc 12,16-21), Jesus desmascara o intento de que o sentido da riqueza é conceder segurança e liberdade ao homem. Ao introduzir a parábola, já dá o sentido e a lição: “*Guardai-vos cuidadosamente de toda ansiedade, pois, mesmo na abundância (riqueza), não está a vida do homem assegurada pelos seus bens*” (Lc 12,15). Logo após, seguem-se aquelas belas advertências sobre o sentido da vida humana e da verdadeira segurança que reside somente em Deus: “*O homem vale mais que o alimento, e o corpo mais do que a veste e os homens mais do que os pássaros*” (Lc 12,22-31). “*Não amontoeis tesouros na terra*” (Mt 6,19), eis a advertência de Jesus.

Para Basílio não há riqueza que baste quando posta ao serviço dos caprichos das pessoas. Dado, pois, que a riqueza se reparte em tantos usos e abusos pelo homem e pela mulher que se dispersam em vãs fantasias, não é de maravilhar que não tenha ocasião alguma de buscar no rumo dos de fora. Assim nada sente quem despacha com as mãos vazias o pobre, sem temor pela retribuição por parte do Juiz eterno.⁶⁰

Para Basílio Magno, estes são os verdadeiros pobres que necessitam misericórdia pois são vítimas da própria cobiça. Ambicionam estar cada vez mais ricos e ignoram o outro mais necessitado, excluindo-o de seu convívio. Deste modo, danificam os direitos dos que excluem e não lhes prestam ajuda. Assim aqueles que sofrem dano não têm outro remédio que viver com seu sofrimento e produzindo iniquidade.⁶¹

G. Gutierrez, afirma que a Sagrada Escritura destaca os sinuosos, mas fortes laços que existem entre os ímpios, ou seja,

59. G.GUTIERREZ, *Beber do próprio poço*, p. 107-108.

60. BASÍLIO MAGNO, *Homilia in divites* MG 31, c. 289-290.

61. *Ibidem*, c. 291.

os que praticam a injustiça e a morte. Para ele, a justiça é imortal. Mas os ímpios a chamam (a morte) com gestos e com vozes, por ela se consomem, crendo-a sua amiga, fazem o pacto com ela, pois merecem ser de seu partido” (Sb 1,15-16). Declarar imortal a justiça equivale a afirmar que ela faz parte da vida e que vem de Deus. É uma idéia importante para o autor, pois nos versículos seguintes novamente sustentará a imortalidade da justiça. (Sb 1, 15). Os ímpios, pelo contrário são amigos da morte, bradam por ela, fazem sinais que demonstram afeto, matam-se por ela, se é que se pode falar assim. Semeiam a morte por toda parte, violando os direitos dos demais. Os amigos da morte são os que maltratam e exploram o pobre, os que não amam a justiça. O autor põe nos próprios lábios deles a descrição da sua conduta: “*Oprimamos, portanto, o justo pobre, não poupemos, portanto, a viúva, nem respeitemos o ancião. Nossa força seja a norma da justiça, pois o fraco é condenado como inútil*” (Sb 2,10-11).⁶²

Temos a denúncia de Basílio, pedindo que os “excluidores” dêem alívio a suas obras de iniquidade e concedam algum lugar a seus próprios pensamentos, de sorte que reflexões não de vir a parar o desejo dessas coisas. Segundo sua narrativa, os pobres clamarão contra os ricos na presença do Juiz Justo. Neste momento ele verá em face as imagens claras das próprias maldades. As obras mesmas de cada um dão ali testemunho. Então sobre os pecados cairão ignomínia eterna. Nesta reflexão de Basílio Magno acrescenta-se a citação de L. Boff, que cita o texto da *Gaudium et Spes* (n. 39), a qual mostra que a humanidade desconhece o processo de transformação da história e do universo. Toda figura deformada deste mundo há de se renovar e criar um novo céu e uma nova terra, antecipando a presença do Reino de Deus entre os homens e as mulheres de boa vontade.⁶³ Por esta razão Basílio critica os ricos que desconhecem a natureza e olham os irmãos com olhos criminosos, amontoando por isso muitas riquezas. Serão, portanto, castigados por suas próprias iniquidades e por levar os outros também a cometê-las.⁶⁴

Na sua “Homilia feita em tempo de fome e seca”, Basílio Magno, acusa o povo de negligente no amor a Deus e coloca esta negligência como causa dos males humanos. Segundo ele, aqueles que honram a cobiça, que amontoam riquezas em excesso e que tiram proveito dos mais pobres, prolonga o castigo e a irritação de Deus.⁶⁵

Esta relação com a natureza é vista por L. Boff como um agravante da ética da sociedade dominante hoje, que é utilitarista e antropocêntrica. O ser humano considera-se senhor e patrão da natureza, que existe para satisfazer suas ne-

62. G. GUTIERREZ, *O Deus da vida*. São Paulo, Loyola, 1990, p. 42

63. L. BOFF, *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 152.

64. BASILIO MAGNO, *Homilia in divites*. MG 31, c. 298.

65. Idem, *Homilia dicta tempore famis et siccitatis*. MG 31, cc. 306-307.

cessidades e realizar seus desejos. Isso provoca violência e dominação dos “excluidores” que nega a qualidade de sujeito dos grupos ou povos excluídos. Temos que compreender que há um direito humano e social, bem como um direito ecológico e cósmico. Assim na sociedade e na natureza não pode haver excluídos e nem mesmo excluidores.⁶⁶

66. L. BOFF, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. p. 35.

Em relação à falta de comunicação e homicídio daquele que morre de fome, ou seja, o excluído da sociedade, Basílio diz que a enfermidade da fome, da qual morre o faminto, é sofrimento espantoso, pois de todas as calamidades humanas, a fome é a principal e a mais miserável das mortes. Ele diz que é muito cruel morrer de fome e que Deus passando constantemente por outros muitos males se comove e compadece dos famintos (cfr. Mt 15,32).⁶⁷

67. BASILIO MAGNO, *Homilia dicta tempore famis et siccitatis*, c. 322.

Segundo Gustavo Gutiérrez, Deus emprega diferentes linguagens para dar-se a conhecer e o sofrimento poder ser uma delas. Perante a impaciência de Jó, Eliú adverte que devemos estar atentos aos sinais da ação de Deus, que se apresentam de forma inesperada e podem ser um apelo à solidariedade com aqueles que padecem injustiça. Eliú fala da atitude de Deus para com os pobres e oprimidos e Jó destaca a mediação do compromisso com o pobre para uma justiça autêntica. A contribuição de Eliú está em referir com energia esse comportamento ao próprio Deus. Na concepção de Jó Deus é “aquele que faz justiça ao pobre” (Jó 36,6).

68. G. GUTIERREZ, *O Deus da vida*, p. 199.

Na “*Homilia sobre o apego ao mundo*”, Basílio Magno afirma que nós mereceremos o prêmio por nossas obras, por isso devemos distribuir entre os excluídos a carga das riquezas.⁶⁹

69. BASILIO MAGNO, *Homilia quod mundanis adhaerendum non sit*. MG 31, cc. 547-550.

Estes textos todos evidenciam que não se trata de uma condenação dos bens terrenos, nem se magnífica a pobreza. Condena-se a riqueza quando ela é um escândalo social e significa presença de injustiça. Os bens devem ser humana e equitativamente participados por todos. A condenação da pobreza e da riqueza exprime uma valorização dos bens materiais que, devido ao desonesto relacionamento entre os homens, não são distribuídos de forma justa com todos. O ideal bíblico e cristão não consiste em propor e em buscar uma sociedade rica, mas em criar uma sociedade justa. G. Gutierrez por sua vez, mostra que a opção pelos pobres e sua libertação fizeram com que se viva hoje, na América Latina, um momento caracterizado por um grande esforço solidário.⁷⁰ Uma compreensão sumária e simplificada da perspectiva libertadora nos levou a pensar que os temas nela dominantes — quando não excluídos — são os do compromisso, da dimensão social da fé, a denúncia das injustiças e outros de outros males que provocam uma grande massa de irmãos excluídos.

70. G. GUTIERREZ, *Beber do próprio poço*, p. 108.

2. 4. O projeto social

Na América Latina percebemos uma diferenciação grande entre as classes sociais, onde encontramos, cada vez mais, um grupo de excluídos ao lado de uma minoria abastada e **excluidora**. **Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a disparidade crescente entre ricos e pobres, pois o luxo de poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas, o que é contra a proposta da fraternidade cristã.**⁷¹

Esta denúncia é apresentada no Documento da 3ª Conferência dos Bispos latino-americanos realizada em Puebla em 1979.⁷² Essa realidade nos chama a um posicionamento mais profético frente à realidade, buscando a proposta cristã para os excluídos da sociedade. A Igreja conclama a sociedade a uma solidariedade coletiva, a uma ação misericordiosa que não se dirige só a indivíduos mas a toda uma classe social excluída da sociedade. Todos devem se solidarizar e se indentificar com estes zeros econômicos e sociais. De fato, esta opção constitui uma exigência de salvação, segundo os critérios do juízo escatológico (Mt. 25,36-41). Esta opção é exigida pela escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina. Deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre.⁷³

Como a Igreja nos tempos de Basílio Magno, a Igreja latino-americana deve fazer a denúncia profética de toda situação desumanizante, contrária à fraternidade, à justiça e à liberdade; criticando ao mesmo tempo toda sacralização das estruturas opressoras para que ela própria possa contribuir. Denúncia pública, como pública é sua situação na sociedade latino-americana e que apresenta o ideal da solidariedade e da fraternidade, numa sociedade que assuma como filhos seus todos os irmãos, dando atenção maior aos seus excluídos.⁷⁴

A situação social dos tempos de Basílio, no século quarto em Cesaréia, mostra sua grande percepção e interesse pelos irmãos excluídos do seu tempo. Portanto, ele critica os atravessadores da economia, pois estes vivem da necessidade do outro, que precisa emprestar para viver, sendo explorado com impostos e taxas muito altos. Ele quer uma sociedade onde os possuidores do capital não aumentem sua opulência com a calamidade dos pobres.⁷⁵

Confrontando nossa realidade hodierna com os tempos de Basílio, vemos pontos comuns na realidade social. Ele procurou dar respostas adequadas para as diferentes questões, apoiando-se principalmente nas Escrituras. Ele afirma que o homem perfeito, conforme o profeta, progride na vida sem explo-

71. L. BOFF e C. BOFF, *Da libertação*. Petrópolis, Vozes, 1980, p. 12-13.

72. CELAM, *O presente e o futuro da Igreja na América Latina* (Puebla), 1979, n. 28.

73. L. BOFF, *Libertar para a comunhão e participação*; exposição na CRB (30.08.1980), Rio de Janeiro, 1980. Este texto se fundamenta no Documento de Puebla (1154 e 1134) e aparece como uma denúncia da alarmante situação de miséria das massas populares latino-americanas.

74. G. GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*, p. 222.

75. BASILIO MAGNO, *Homilia II in psalmum 14*, MG 29, c. 266.

rar seu semelhante com usuras exageradas. Para ele, em muitos momentos, a usura é condenada na Sagrada Escritura, como Ezequiel, por exemplo, que põe entre os maiores males a usura e as taxas de juro (Ez. 22,12). Neste tempo, a lei proíbe esta usura, negando eticamente este tipo de relação com o irmão (Deut. 23,19). Essa condenação vai se repetir nos Salmos (Sl 54, 12) e será sempre a tônica da crítica dos profetas.⁷⁶

76. Idem, *Homilia II in psalmum 14*, cc. 265-266.

Esta realidade vai ser denunciada na América Latina e se apresenta como pecaminosa. Como proposta de superação, Puebla nomeia estes pobres: camponeses, operários, moradores em favelas, perseguidos, torturados, etc. Estes pobres, hoje, como em tempos de Isaías e de Jesus, são os destinatários primários da boa notícia, que por sua situação material e histórica estão em melhor condição de compreender, pois sendo excluídos dos sistemas sociais, buscam na força da própria fé a inspiração de uma sociedade fraterna.⁷⁷

77. J. SOBRINO, *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo, Loyola, 1982, p. 103-104.

Basílio parte do princípio que o ser humano, em sua diversidade se assemelha a todos os outros animais, onde existem os mais espertos, fortes e fracos. Aqueles que não são fortes, graças ao poder econômico, devem usar a esperteza para sobreviver nesta diversidade.⁷⁸

78. BASILIO MAGNO, *Homilia II in salmum 14*, c. 274.

A classe excludora tem seus projetos baseados nos seus interesses, na não distribuição de renda, ao passo que os excluídos se apoiarão na solidariedade, na comunicação, troca ou doação de bens, proporcionais à sua esperança em Deus.⁷⁹

79. *Ibidem*, c. 261.

Torna-se, com efeito, cada vez mais evidente que os povos latino-americanos não sairão de sua situação a não ser mediante uma transformação profunda, uma revolução social que mude radical e qualitativamente as condições em que vivem atualmente. Os setores oprimidos no interior de cada país vão tomando consciência de seus interesses de classe e do penoso caminho a percorrer até à derrocada do atual estado de coisas para a construção de uma nova sociedade.⁸⁰

80. G. GUTIERREZ, *Teologia da Libertação*. p. 84.

Para os excluidores, a execução desse projeto é feita através da usura, que favorece a ganância e não considera a dignidade da pessoa, proporcionando a espoliação. Como podemos perceber ainda hoje o lucro, critério fundamental, ainda está acima da pessoa. Cria-se a idéia de que é preciso fazer crescer o bolo para depois reparti-lo, o que nunca acontece. Segundo H.Assmann e F.J. Hinkelammert qualquer padeiro sabe muito bem que não é preciso fazer mais bolos para que os já fabricados possam ser repartidos. De fato, se passarmos do bolo ao pão surge prontamente a idéia de uma eucaristia eternamente adiada.⁸¹

81. H. ASSMANN e F. HINKE-LAMMERT, *Idolatria de mercado e sacrifícios humanos*. Petrópolis, Vozes, 1989, p. 316.

82. BASILIO MAGNO, *Homilia in psalmum 33*. MG 29, c. 362.

Uma situação semelhante leva Basílio a pronunciar um julgamento moral da pobreza e da riqueza,⁸² pois a riqueza favorece a ganância, a falta de tranqüilidade, autosuficiência,

opressão, transitoriedade dos bens, enquanto que a pobreza gera a possibilidade da inveja, aborrecimentos por não poder pagar o empréstimo, a passagem da dívida de geração em geração, o abandono e outros males que geram os excluídos da sociedade.

Basílio percebe os mecanismos das estruturas intrinsecamente perversas citando como exemplo a planta que não devolve a semente que germinou mas todas as espigas resultantes da mesma, ao passo que aquele que tomou emprestado deve devolver o capital inicial e os juros. Isso é injusto, pois prejudica o dinheiro do pobre e a alma do rico. Isso gera um conflito social, sobretudo quando obriga o devedor a vender seus próprios filhos.⁸³

Esta mesma estrutura faz com que o rico lavre, semeie e ceife terras que não lhe pertencem.⁸⁴

Como solução para todos estes problemas Basílio não aprofunda a questão da mudança estrutural da sociedade, mas lança fundamentos importantes para a reforma. É necessário que haja sociabilidade humana, “à semelhança das abelhas que vivem e se desenvolvem juntas e têm todas um só trabalho”, porque a característica da vida social é fazer convergir para um fim comum a atividade de todos os componentes da sociedade.⁸⁵ Propõe que os ricos não coloquem seu coração nas riquezas, pois elas são transitórias.⁸⁶

A partilha é um tema que foi muito considerado por Basílio quando fala do emprego social das riquezas, não vender com altos preços é um modo de repartir, sem traficar as calamidades humanas: O tesouro no céu é a amizade do pobre adquirida na partilha: “Tens como celeiro, se o quiseres, o ventre dos pobres”⁸⁷

Este é o projeto de Basílio Magno que, com propostas claras, fundamenta o cristianismo na condissão dos próprios bens com os irmãos, sobretudo com os excluídos, pois é neles que a pobreza evangélica se expressa, se realiza e consiste. É nesse campo que se mostra efetivamente se alguém é desapegado e livre frente às coisas. O chamado ao seguimento de Jesus implica sempre na distribuição dos próprios bens, numa sociedade sem excluídos. Os bens têm uma destinação verdadeira: a partilha.

3. TIRANDO ALGUMAS CONCLUSÕES

A conversão brota da evangelização que proporciona o impulso eficaz para o compromisso com os excluídos e sua causa. A evangelização gera a conversão, que nos faz conscientes que somos irmãos e assim herdeiros da essência divina que é o amor, fazendo-nos uma família onde Deus é nosso pai e

83. Idem, *Homilia in illud, des-truam horrea mea*. MG 31, c. 267.

84. Idem, *Homilia in Divites*. MG 31, c. 292.

85. Idem, *Hexaéméron, Hom 8,4*. MG 29, cc. 171-174.

86. Idem, *Homilia in psalmum 61*. MG 29, c. 482.

87. Idem, *Homilia in illud, des-truam horrea mea*. MG 31, c. 273.

nos conduz para uma vida digna de filhos. Tornamo-nos conscientes que o Deus da vida exprime o seu amor ao semear na história uma família de seres iguais por um ato de libertação e de justiça no meio de seu povo, comprometido por sua aliança irrenunciável na história.

A literatura patrística confirmando esta teologia cristã nos dá coragem para denunciar, anunciar e celebrar sem escrúpulos o mais profundo conteúdo da mensagem evangélica: na família de Deus não pode haver excluídos.

Portanto, a doutrina social na Igreja, que é uma das dimensões mais importantes do projeto do Reino instaurado por Jesus Cristo, nos alerta que não podemos prescindir da necessidade de edificar a família humana numa solidariedade que produza fraternidade.

E a experiência patrística nos ensina que o cristão não pode aceitar os sistemas sociais que produzam excluídos, em favor da posse e do domínio de classes de excludores.

E, se no período patrístico, a postura da Igreja era corajosa e livre de conchavos com poderes aliantes e dominadores, ela nos serve de modelo para que a nossa Igreja atual opte pela verdade profética e partilhe a realidade sofrida e os rumos da libertação de tantos irmãos excluídos dos direitos e da dignidade humana.

Somente a conversão cristã propiciará a conversão da sociedade, eliminando o abismo profundo entre excludores e excluídos, gerando relações fraternas entre todos os seres humanos.

A Igreja dos excluídos é estruturalmente a forma verdadeira de ser a Igreja de Jesus, pois nela se encontra o espaço real de solidariedade e gratuidade, que a leva a realizar-se como sacramento histórico de libertação.

Antonio S. Bogaz
Professor de Teologia Dogmática
Instituto Teológico São Paulo
Wander de Souza do Carmo, aluno
Gilmar Soares de Oliveira, aluno
Décio Sam Nantes, aluno
Angela Maria da Silva, aluno
José Gabriel, aluno
Alfredo da Conceição Santos, aluno
José Airton de Barros, aluno
Alcebiades Filho, aluno.

Ainda uma vez estamos de visita a você. Somos o número 2 do segundo ano de nossa revista. Parece que estamos continuando a servir e ajudar você. Ao menos você não pediu que interrompêssemos nosso serviço. Estamos cumprindo com nossa missão e nossa parte de trabalho.

Você também está convidado a cumprir sua parte de trabalho. Você pode ajudar-nos e muito. Se você puder pagar a assinatura do ano que passou, ficaríamos muito gratos. E se você acrescentasse o pagamento para 1995 ficaríamos ainda mais agradecidos. Cremos que não é muito sacrifício: 20 reais para os dois anos. Coragem, pegue seu talão de cheques e mande sua parte... E se você já mandou pagamento em 1994, está na hora de renovar para 1995... Contamos com você.

A Redação.

ASSINATURA:

Para o Brasil e América Latina: 10 U\$A ou 10 Reais

Para outros países: 15 U\$A

Envie: cheque cruzado pagável em São Paulo em nome de:
PIA SOCIEDADE MISSIONÁRIA SÃO CARLOS

ou, se preferir:

Deposite em nome da

PIA SOCIEDADE MISSIONÁRIA SÃO CARLOS

Banco Itaú Agência 0644-0 conta 08703-3

mande carta com o comprovante e explicando o destino de seu pagamento.